

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

FIL 1815 - 1CA

Estética I

Período: 2021.1

Carga Horária Total: 60 horas

Créditos: 4

Horário: 2ª e 4ª
9h-11h

Prof.: Rafael Zacca

OBJETIVOS	<p>a. Apresentação de conceitos básicos da história da Estética diante de questões da arte moderna e contemporânea;</p> <p>b. Atualização de questões primordiais da reflexão estética para a arte contemporânea;</p> <p>c. Discussão do problema da historicidade da percepção humana e por extensão da estética como “filosofia da arte”.</p>
EMENTA	<p>Segundo Terry Eagleton, a Estética, como disciplina autônoma da filosofia, surge como um discurso do corpo. Ela deriva, justamente, da palavra grega <i>aisthesis</i>, e se refere ao estudo das sensações corporais. Ao longo da história da disciplina, ela passa a se referir também ao estudo das obras de arte, e do modo como podemos percebê-las. Essa duplicidade do termo levou filósofos e filósofas, no século XX, a pensar as relações entre arte, corpo, percepção e pensamento de maneira conjunta.</p> <p>Em 1935, após a ascensão do regime nazista na Alemanha e poucos anos antes do início da Segunda Guerra Mundial europeia, Walter Benjamin sugeriu que a autoalienação dos seres humanos na modernidade capitalista alcançara tal grau de intensidade, que agora a humanidade poderia contemplar a sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem. Em 1992, Susan Buck-Morss publicou um ensaio em que propunha uma leitura dessa tese de Walter Benjamin à luz do conceito de “anestesia”. A filósofa tentava compreender como os sujeitos da modernidade puderam conjugar uma inundação dos sentidos com a hiperestimulação da tecnologia e o empobrecimento da percepção nessas mesmas condições sociais.</p> <p>Do ponto de vista de Benjamin, a crise estética, isto é, da percepção, coincide com uma crise política: a autoalienação prepara a humanidade para o abate de si mesma, enquanto pode assistir ao espetáculo com prazer desinteressado. Do ponto de vista de Buck-Morss, a crise estética é também erótica, isto é, da capacidade de amar e desejar.</p> <p>Neste curso, perseguiremos o nexos entre estética, política e erótica na modernidade, para compreender como, em nossa época, o pensamento sobre os corpos blindados e anestesiados, por um lado, e os abertos e vulneráveis, por outro, permitem a diferentes filósofos articularem história da arte e experiência humana em torno daquilo que Jacques Rancière denominou “partilha do sensível”.</p>

PROGRAMA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estética: filosofia da arte ou ciência da percepção? 2. Fim da arte 3. As transformações da experiência 4. Desorientação do sujeito: O surgimento do romance; A transformação da poesia; A novela policial 5. O fim da pintura? A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica: fotografia e cinema 6. A formação histórica da sensibilidade 7. Perda da aura: a arte ao rés do chão 8. Mímesis revisitada 9. Auto-alienação e guerra 10. Anestesia e autodestruição 11. Reeducação estética 12. A partilha do sensível
AValiação	Categoria III
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL	<p>ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985</p> <p>AGAMBEN, Giorgio. “O que é o contemporâneo”. IN: O que é o contemporâneo e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.</p> <p>BAUDELAIRE, Charles. “A perda da auréola.” Trad. Aurélio Buarque de Hollanda. IN: Poesia e Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.</p> <p>BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”. Trad. M. Lisboa. IN: Benjamin e a obra de arte. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.</p> <p>_____. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. IN: Obras Escolhidas Vol. III. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>BUCK-MORSS, Susan. “Estética e anestésica: o ensaio sobre a obra de arte de Walter Benjamin.” Trad. Rafael Lopes Azize. <i>Travessia: revista de literatura</i>, nº 33.</p> <p>CHKLOVSKY, Victor. “A arte como procedimento.” In: TOLEDO, Dionísio O. Teoria da Literatura: formalistas russos. Trad. Ana Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1973.</p> <p>CRARY, Jonathan. Técnicas do Observador: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.</p> <p>DANTO, Arthur. O descredenciamento filosófico da arte. Trad. Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.</p> <p>_____. O que é arte. Belo Horizonte: Relicário edições, 2020.</p> <p>DEBORD, Gui. A sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.</p> <p>DIDI-HUBERMAN, Georges. A sobrevivência dos vagalumes. Trad. Vera Casa Nova e Márcia. Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.</p> <p>EAGLETON, Terry. A ideologia da estética. Tradução de Mauro Sá. Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.</p> <p>FREUD, Sigmund. Obras completas (Cia das Letras). São Paulo. Vols. 12 e 15.</p> <p>HEGEL, G. W. F. “Introdução”. IN: Cursos de Estética. Vol. 1. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: EdUSP, 2001.</p> <p>RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. Trad. Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Exo Experimental; Editora 34, 2009.</p> <p>_____. “Paradoxos da arte política”. IN: <i>O espectador emancipado</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2012.</p> <p>SÜSSEKIND, Pedro. Teoria do fim da arte. Rio de Janeiro: 7letras, 2017.</p>